

ANTONIO CANDIDO: MATIZES DE UM PROCESSO FORMATIVO E O HORIZONTE PROBLEMÁTICO DA NAÇÃO

ANTONIO CANDIDO: SHADES OF A FORMATIVE PROCESS AND THE PROBLEMATIC HORIZON OF THE NATION

Alexandre Pilati*
Diuvanio de Albuquerque Borges**

RESUMO

Crítico literário, pensador social e militante político, Antonio Candido é um dos mais importantes pensadores brasileiros. Sua crítica permanece vigente por ser um modelo produzido a ser revisto e repensado a cada novo momento, a cada nova obra, caso a caso. Este texto tem como intuito mostrar a importância de sua obra enquanto elemento decisivo no debate acerca do processo formativo brasileiro tanto em seus aspectos culturais, quanto em seu horizonte de formação de nação. Para isso, buscamos, em sua pesquisa e em seus textos sobre Machado de Assis, compreender como se deu tal processo de constituição e consolidação da Literatura Brasileira, uma espécie de narrativa do desejo dos brasileiros de terem uma literatura, estabelecido em Machado, e que, em outra chave, a partir de Candido, conseguiu construir a narrativa da busca de se criar uma tradição crítica brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido; Literatura; Machado de Assis; Nação.

ABSTRACT: A literary critic, social thinker and political activist, Antonio Candido is one of the most important Brazilian thinkers. His criticism remains valid because it is a model produced to be revised and rethought with each new moment, with each new work, case by case. This text aims to show the importance of his work as a decisive element in the debate about the Brazilian formative process both in its cultural aspects and in its horizon of nation formation. In order to do this, we seek, in his research and in his texts on Machado de Assis, to understand how this process of constitution and consolidation of Brazilian Literature took place, a kind of narrative of the desire of the Brazilians to have a literature, established in Machado, and that, in another key, from Candido, managed to build the narrative of the desire to create a Brazilian critical tradition.

KEYWORDS: Antonio Candido; Literature; Machado de Assis; Nation.

* Professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília-DF alexandre-pilati@unb.br

** Doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, Brasília-DF diuvanio@gmail.com



Mestre do Brasil

Antonio Candido de Mello e Sousa (1918-2017) tem lugar cativo no grupo de pensadores que realizou as mais importantes interpretações de nossa experiência nacional ao longo do século XX. Na crítica literária, Candido encontrou as linhas em que seriam escritas sua biografia. Uma crítica que buscava encontrar a lógica interna de funcionamento da obra articulada à dinâmica histórica. Sendo assim, o texto literário tornava-se mais que um mero objeto histórico, mas uma espécie de sujeito capaz de pensar, interpretar e vivenciar a história. Visto isso, seu método ganhou destaque em meio ao academicismo dos anos 60 e 70 por apresentar a obra literária enquanto elemento da cultura humana, os elementos da vida social em conformidade ao universo estético criado pelo autor. O histórico-social são internalizados pela obra, reestruturados em seu universo ficcional, segundo suas próprias leis.

Candido notabilizou-se em um momento cujo cenário crítico mantinha-se amarrado a uma tendência de caráter impressionista, pautada em dados biográficos, quando não sociologista, e um formalismo estruturalista. Seu método torna-se mais que uma forma de leitura, mas uma atitude ética e moral diante da obra, da História e da vida. Partindo do que ele mesmo chamava de “intuição literária”, conseguiu conferir às suas análises tamanha importância ao ponto de ser fundamental para o reconhecimento de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, assim como apresentar as chaves de interpretação daquele que seria seu grande ponto de fuga e de chegada: Machado de Assis, a quem nos atentaremos. Assim como foi responsável por mediar a leitura de Zola, Eliot, Tolstoi, Baudelaire, Balzac entre tantos outros.

Suas realizações avançam conforme seu método, comprometido e de caráter dialético não dogmático, acompanhando e sintetizando o pensamento de críticos, filólogos e filósofos como Auerbach, Lukács, Brecht, Adorno e Benjamin. Seu instrumental, comprometido sempre com o texto literário, tornava pública sua erudição, percebida em maior volume em suas legendárias aulas, sempre acompanhadas de clareza e elegância, e seus importantes ensaios, alguns desses responsáveis pelos novos rumos que a crítica literária viria a tomar no Brasil.

Com o clássico *Formação da literatura brasileira* (1956), ele deu concretude a uma forma dinâmica e muito própria de interpretar os movimentos daquele que foi, talvez, o mais importante veículo de expressão da nacionalidade do país, ao menos até a segunda metade do século XX: a literatura. Com o desenvolvimento da noção de “sistema literário” Candido dotou os estudos literários nacionais de uma ferramenta fundamental para a interrogação da formação da cultura brasileira. Entretanto, se “sistema literário” é, por assim dizer, a categoria base deste livro, ficou demonstrado posteriormente pelos estudiosos da obra de Candido que tal conceito não precisa restringir-se ao campo da literatura, podendo ser utilizado para pensar a maneira como os brasileiros desejaram representar-se através dos tempos com as ferramentas culturais que lhe estavam disponíveis (música, cinema, canção, artes plásticas), sempre atravessadas pela famosa dialética entre cosmopolitismo e particularismo. A *Formação da literatura brasileira*, alvo de polêmicas e matéria de inúmeras reinterpretações, reservou para Antonio Candido lugar entre outros autores de excelência que buscaram, nas mais diversas áreas do conhecimento, produzir sínteses da vida nacional, tais como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Hollanda, Raimundo Faoro, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro. Seu livro, feito a obra desses grandes intérpretes do Brasil, é incontornável para quem deseja compreender as relações entre a formação da nação e a formação da cultura.

É preciso ressaltar, para de fato aquilatar a importância deste estudo clássico, que *Formação da literatura brasileira* não é apenas um livro de historiografia literária, como a princípio se poderia pensar. Sua radicalidade se acha, sobretudo, na maneira como não adere a nenhuma abordagem con-

servadora da cultura nacional. Nesta obra fica desenvolvido, em ato e sem pré-moldados teóricos, um método muito peculiar de estudo da literatura brasileira. A linhagem evolutiva que a *Formação* descreve é delimitada a partir da leitura das obras mais significativas do que Candido nomeia como os “momentos decisivos” da consolidação do sistema literário nacional, ou seja, os períodos Arcade e Romântico. Um elemento de intensa e produtiva originalidade presente neste livro é a maneira como os movimentos gerais da história literária são intuídos a partir de uma crítica muito refinada das obras dos períodos enfocados. Assim, o que o leitor encontra, para além de uma listagem de livros e de autores ordenados cronologicamente, é uma leitura obstinadamente crítica dos textos literários do período, a partir do critério da expressão local, num primeiro momento (árcade) vazada em nativismo e num segundo momento (romântico) erigida à dimensão de nacionalismo. Candido efetiva, então, na prática, um exercício radical de historiografia literária, pois os resultados desta dependem em grande medida da maneira como as obras literárias são individualmente lidas, comentadas e postas em relação dinâmica com as demais. É nesses termos que podemos considerar o conceito de “sistema literário” algo que opera além dos limites de uma noção sociológica, que explicaria a literatura como “um aspecto orgânico da civilização”. Conforme se pode inferir da leitura completa de *Formação da literatura brasileira*, “sistema literário” é um conceito que tem ver também com a noção de desenvolvimento local de formas literárias próprias que facultam abordagem progressivamente mais intensiva de temas específicos da vida à periferia do capitalismo. É por isso que Candido sugere como momento de síntese do sistema literário brasileiro a obra de Machado de Assis, autor que, pela primeira vez e de modo complexo, nacional e negativo, erigiu um olhar periférico, literariamente consequente e original sobre o circuito universal da cultura e da ordem social do ocidente, tema específico dentro da obra de Antonio Candido e que será abordado mais a frente .

Deste modo, na *Formação da literatura brasileira*, em alguma medida, Antonio Candido já estava realizando, em termos de prática historiográfica renovada pelo compromisso rigoroso com a crítica das obras e com a sistematização delas em relação dinâmica com o contexto, o que seria, em sua vasta obra, o enfoque determinante do texto literário. Como ele mesmo diz em um dos prefácios do igualmente paradigmático volume *Literatura e sociedade* (1965): nos seus estudos a “função da produção literária é referida constantemente à estrutura da sociedade” (CANDIDO, 1975, p.4). Isso não implica simplesmente incrementar a análise literária com o arcabouço conceitual das ciências sociais, como poderia imaginar um apressado leitor ávido por perceber na literatura a representação da aparência de uma sociedade. Muito pelo contrário, o legado de Antonio Candido registra o sentido inverso dessa formulação, isto é: trata-se, isto sim, de incrementar a visão das contradições da sociedade a partir da análise literária. O resultado é que a literatura, para ele, transforma-se em um aspecto da produção cultural decisivo para a compreensão aguda da dinâmica social e histórica. Nesse escopo, Candido procura dar consistência local ao que de melhor a tradição universal dos estudos literários conseguiu formular em termos de relação entre literatura e sociedade. Como fica registrado no prefácio já anteriormente mencionado: o autor nos ensina que é essencial para o trabalho crítico “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce” (CANDIDO, 1975, p.4). Dessa forma, uma grande lição que todos aprendemos com Antonio Candido tem a ver com a maneira como se deve, com obstinação, perseguir a relação entre texto e contexto mantendo sempre a vigilância para que tal relação não derive para algo mecanicista, conteudista ou superficial. Buscar a sociedade nas entranhas de uma obra, que de fato a processa, é escapar ao denominado “sociologismo vulgar”, que almeja equiparar texto e contexto, desconsiderando o processo estruturante que sofre o processo social ao se tornar texto. A visão de Candido, portanto, conhece sua força na maneira como a agudeza do olhar social não cancela a sensibilidade do olhar sobre o literário enquanto fato relativamente autônomo, dotado de leis próprias, que é preciso compreender em específico.

O núcleo interpretativo de *Formação da literatura brasileira* e a chave crítico-teórica desenvolvida claramente em “Crítica e sociologia” serão articuladas e desenvolvidas em outros níveis de alcance político e literário em diversos textos de Antonio Candido. Sob esse aspecto, é digno de lembrança um conjunto de textos que também está entre as mais radicais análises da relação entre a formação iníqua da nação e o desenvolvimento de uma forma de expressão própria, capaz de conferir universalidade ao problema muito brasileiro do subdesenvolvimento. No volume *A educação pela noite*, acham-se alguns desses ensaios que procuram atualizar, de modo ainda mais profundamente político, o sentido histórico da construção do “sistema literário” brasileiro e a análise dos impasses inerentes à evolução desta forma cultural. São eles: “Literatura de dois gumes” (1969), “Literatura e subdesenvolvimento” (1973) e “A nova narrativa” (1979). É de se notar que os três textos foram redigidos e tornados públicos durante a ditadura militar e apresentavam uma dialética entre o passado e o presente que dava (e ainda dá) o que pensar a respeito de elementos decisivos para a condição de subdesenvolvimento agravada à época por um regime de exceção. No caso de “Literatura de dois gumes”, Candido recupera a análise da literatura brasileira como elemento social que conheceu uma evolução dialética, ou seja, de duplo gume: se a literatura foi arma do colonizador e depois das elites locais letradas, jamais deixou de ser permeável à expressão dos desejos e experiências vitais dos que, de alguma forma, estavam excluídos do processo de formação nacional. Em “Literatura e subdesenvolvimento”, o processo de formação nacional é visto a partir do modo segundo o qual a literatura é capaz de exprimir uma certa consciência do país. A acumulação histórica aqui historiada nos conduz da consciência literária em relação ao Brasil evoluir de “consciência amena” a “consciência catastrófica” do atraso. Com a leitura desses textos, concluímos que, duas décadas depois da publicação de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido ainda se inquietava com os diversos matizes do processo formativo e radicalizava politicamente o alcance do argumento, considerando de modo cabal as iniquidades sociais e as marcas de classe da nossa produção literária. “A nova narrativa” é um ensaio central para a compreensão de um elo evolutivo da progressão de nosso sistema literário. Nele Candido procura mapear a produção que lhe era contemporânea ao fim da década de 1970 e dá excelentes sugestões para a reflexão crítica a respeito de certa sintomatologia do fim da “síndrome nacional” da literatura brasileira e dos caminhos formais escolhidos por autores-chave do tempo, que, de resto, ainda estão por ser levados a apreciação crítica consistente. Desses textos, todos nós que estudamos Antonio Candido levamos a lição de que a análise da forma literária é incrementada, criticamente e politicamente, quando se buscam as raízes históricas daquela manifestação que se está procurando analisar. A consideração da literatura brasileira em contexto periférico e na relação com um sistema robusto que é capaz de produzir uma “causalidade interna” é decisiva para a consistência política da análise dos textos em si mesmos. O horizonte problemático da nação, assim, é elemento primordial na observação do alcance universal de nossos melhores autores e, ao contrário do que pode parecer, agrega ainda mais refinamento à sensibilidade propriamente estética no trato da matéria literária.

Nesse âmbito também Antonio Candido produziu incontáveis textos em que o apuro da leitura crítica não era depreciado pela tenacidade da visão política acerca da realidade e da própria literatura. Foi assim que ele colocou em prática um outro princípio que estava presente em *Formação da literatura brasileira*, o da “crítica viva”. Como disse no clássico de 1956, a crítica literária vive, basicamente, da preservação, através de ferramentas racionalizantes de análise, da intuição primeira do leitor comum que está, por assim dizer, “dentro” do crítico profissional. A literatura, sob essa concepção, surge, substancialmente, como uma forma de comunicação inter-humana e não como um conjunto de segredos cifrados ou como jogo autorreferente permitido apenas a uns poucos eleitos a quem a sociedade chama de intelectuais. Com essa sensibilidade, Candido legou à crítica literária brasileira alguns ensaios que são fonte interminável de questões para estudiosos dos mais diversos autores da literatura brasileira. O resgate politizado de clássicos de nossa literatura pode ser visto, por exemplo em: “Inquietudes na poesia de Drummond” (1965), “Esquema de Machado de Assis”

(1968), “Dialética da malandragem” (1970), “De cortiço a cortiço” (1973) e *Ficção e confissão* (1956), conjunto de textos sobre a obra de Graciliano Ramos. A leitura que empreendeu desses clássicos nacionais certamente renovou radicalmente a forma como eram vistos em seu tempo e apontou desdobramentos críticos que renderam muitos outros estudos inovadores dessas obras. Assim, como se pode perceber, os ensaios de Antonio Candido são uma produtiva fonte de pesquisas para os que buscam temas e problemas para investigar o conjunto da literatura brasileira.

E tudo isso, vale dizer, não está restrito à sua releitura de textos consagrados, mas também funciona para as análises que produziu de autores seus contemporâneos, às vezes em relação às primeiras obras destes. A título de exemplo, são incontornáveis os estudos iniciais que fez de Clarice Lispector, em “No raiar de Clarice” (1943), e de João Cabral de Melo Neto em “Poesia ao norte” (1943). Nesses dois textos, é admirável a maneira extraordinária como Antonio Candido foi capaz de, pela leitura do livro de estreia de cada um deles, captar elementos essenciais da forma literária característica de Cabral e de Clarice e, a partir desses elementos, desenhar uma estrutura de leitura que aponta conquistas e limites de suas obras que ficarão como balizas para o leitor futuro.

Fuga e chegada

Roberto Schwarz, ao retomar a importância do *Formação* em seu artigo “Sete fôlegos de um livro”, apresenta como Candido explora o que seria esse processo formativo: “constituição progressiva de um sistema literário, composto de autores, obras e públicos interligados, idealmente na escala da própria nação, a qual também vai se constituindo no processo” (SCHWARZ, 1999, p.89). De vital importância para a obra, principalmente em sua segunda parte, é pontuada a vocação extensiva do romance: a sua necessidade de abrangência. Daí a viravolta machadiana, o romancista passa a explorar em profundidade crítica seu tempo e lugar, fazendo uso de seus predecessores, aproveitando em seus acertos e superando-os, assim como abrindo mão de seus enganos, tornando-se uma espécie de chegada do processo formativo.

Apesar de Machado estar presente enquanto “ponto de fuga e de chegada” ao longo de todo o *Formação da Literatura Brasileira*, Candido não o trata em capítulo específico, o que foi feito em vários outros textos, entre eles “Esquema de Machado de Assis”, “Música e Música”, “Machado de Assis de outro modo”, “À roda do quarto e da vida”, “Duas Notas” e “Prefácio de um livro”. Os quais nos deteremos aqui enquanto passo fundante na compreensão da literatura brasileira como um todo orgânico-histórico.

Em seu conhecido *Esquema de Machado de Assis*, Candido apresenta um escritor “enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente de suas histórias ‘que todos podiam ler’” (CANDIDO, 1970, p. 17). Uma síntese que daria continuidade a tradição de Lúcia Miguel-Pereira, Augusto Meyer, Barreto Filho e que apontaria para novos rumos interpretativos do romancista. Um esquema que, ao mesmo tempo que avança, conserva boa parte dos eixos já desvendados pelas gerações anteriores. Candido apresenta seis importantes pontos de análise da obra machadiana, entre eles: a “questão da identidade”, a relação entre “o fato real e o fato imaginado”, o “sentido do ato”, o “tema da perfeição, a aspiração ao ato completo”, a “relativização dos atos” e a “transformação do homem em objeto do homem”. Tal esquematismo seria fundamental ao desenvolvimento interpretativo da obra de Machado de Assis, principalmente no que tange a relação forma e processo social.

Candido, em textos anteriores ao *Esquema* (1968), já apontava tais relações, formulações já visíveis em seu texto *Duas Notas* (1947): “Machado prima, como ninguém, na invenção de circunstâncias e episódios que mortificam, não apenas a humanidade de cada personagem, como

de todos os homens” (CANDIDO, 2017, p. 08). O que não só pontua sua perspicácia crítica, como também nos dá a relação de contrastes do escritor da Memórias Póstumas em relação aos outros de seu tempo: Aluísio de Azevedo, Zola, Flaubert, Eça de Queiroz. Também são encontradas em *Prefácio de um livro* (1958) as notas do *Esquema* sendo esboçadas no que Barreto chamava de decoro, aqui temos Antonio Candido tratando do termo cunhado pelo amigo: “só é decoro se for ao mesmo tempo força, drama, ironia, dilaceramento do ser e catástrofe do mundo – mas contidos na elegância sem par da forma, no equilíbrio que, pressupondo desequilíbrio, é vitória do espírito” (CANDIDO, 2017, p.15), o que seria retomado ao tratar da técnica de Machado de Assis em seu texto proferido na universidades americanas em 68, “sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro” (CANDIDO, 1970, p. 23).

Ao tratar das tensões individuais e sociais, o escritor do *Formação* nos apresenta ainda uma outra problemática da obra de Machado de Assis, a questão da arte. Em seu artigo de 1958 para o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo, Música e Música*, Candido nos presenteia com a seguinte frase “Machado de Assis foi bastante musical” (CANDIDO, 1959, p. 23). Tal afirmação contém em si um dos conceitos fundamentais para entendimento de seu método, assim como de compreensão da arte, o de *redução estrutural*. Candido prossegue “Mas o fato é que a impregnação musical da sua obra é leve, parecendo mais recurso de composição e análise do que propriamente emoção profunda” (CANDIDO, 1959, p. 23). A partir daí, irá desenvolver como a música em *Memorial de Aires* torna-se manifestação do amor entre Fidélia e Tristão, o que nos leva a várias questões, tais como o papel da arte (o que é marcado na obra tanto na música como no teatro, nas artes plásticas quanto na própria literatura) e da literatura enquanto síntese da vida, remetendo a um debate tão caro ao próprio Machado de Assis, a relação com o Naturalismo, o que é feito com primazia por Antonio Candido ao relacionar o Conselheiro e o personagem Sérgio, de *O Ateneu*, em trechos onde a música apareça para traduzir emoções fundamentais.

Ao longo de sua importante produção, Antonio Candido buscou em Machado de Assis não apenas o escritor, mas uma espécie de debatedor, o que foi para além de sua ficção, principalmente em seus ensaios. Em *Educação pela noite*, por vários momentos Candido discute questões apresentadas por Machado, tais como o debate a respeito da influência de Baudelaire nos escritores brasileiros de seu tempo, tanto seus aspectos formativos quanto os de deformação. Assim como a questão do nacionalismo, do pitoresco e da cor local, debatidos por Machado de Assis, são fundamentais no debate de *Literatura e Subdesenvolvimento*.

Para além da citação direta, encontramos em obras como *Literatura e Sociedade* uma espécie de *tradição* do debate de *Instinto de Nacionalidade*, em que percebemos um esforço em entender a produção literária brasileira, dentro da dialética local e universal, uma literatura que, enquanto periférica, por suas condições sócio-históricas, mantém sua originalidade. Tal discussão é mantida em *Literatura e Cultura de 1900 a 1945*, em que Antonio Candido tratará dessa relação enquanto “Lei de evolução da nossa vida espiritual” (CANDIDO, 1975, p 110). Dessa relação entre dado local e moldes da tradição europeia encontramos o *tom machadeano* trabalhado no artigo de *Vários Escritos*, espécie de arcaísmo moderno, visto sua “despreocupação com as modas dominantes” (CANDIDO, 1970, p. 22).

Tal olhar para a obra de Machado de Assis, segundo o próprio Antonio Candido, teria vindo da forte influência de Roger Bastide, o qual teria contrariado a velha prerrogativa de distância de Machado em relação ao seu país. Teria o autor apresentado um escritor que teria percebido o Brasil de forma ímpar, contudo ao contrário de representá-lo pelos métodos romântico, teria-o tornado forma, incorporado “à filigrana da narrativa, como elemento funcional da composição literária” (CANDIDO, 1970, p. 21). Para tratar da importância do sociólogo francês em sua formação e, prin-

cipalmente, de seu papel nas novas formulações à respeito do debate da obra de Machado de Assis, Candido escreveu o texto *Machado de Assis de outro modo* (1990), o qual afirma que Bastide

Procurou mostrar que em Machado de Assis a paisagem do Brasil está presente de maneira mais poderosa, porque não é enquadramento descrito, mas substância implícita da linguagem e da composição, inclusive como suporte das metáforas. Em vez de procurar o ‘tema’ foi descobrir o modo de elaborar o discurso, cuja latência mostrou de maneira moderna e forte para o estado da crítica nos anos de 1940. (CANDIDO, 1993, p. 109)

Tal apontamento marca uma espécie de tradição aqui já mencionada, contudo com o elemento francês, todos marcados pela ideia do que deve ser exigido do escritor: “o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1992, p. 804).

Ao longo de sua produção, Antonio Candido por diversas vezes aponta quais teriam sido as influências de Machado de Assis, sendo sempre destacada suas formulações de *O esquema*, em que fala da influência da escola inglesa. Contudo, em um artigo pouco debatido e pouco conhecido, “À roda do quarto e da vida”, Candido direciona seu olhar para um autor francês, Xavier de Maistre. Em seu artigo, apresenta o *palpite*, como ele mesmo chama, de que a “‘maneira’ madura de Machado de Assis, definida com as *Memórias Póstumas*, poderia ser devida em parte (menor parte que seja) à influência de Xavier de Maistre” (CANDIDO, 2017, p. 101). Essa “passagem machadiana” poderia ter sido ajudada pela leitura da “Viagem à roda do meu quarto”. A influência teria se dado muito da técnica “livre”: digressões, o a-propósito, supressão de conexões, apagamento das continuidades, saltos, autonomia das partes, além das situações ficcionais que se repetem em uma e outra obra.

Candido desenvolve ainda, o que para ele seria o mais importante palpite, a questão dos “atos involuntários”: “esses atos pressupõem desacerto entre os níveis de vida psíquica, como se dentro de nós houvesse mais de um ser e eles pudessem, eventualmente, entrar em discordância e até em conflito” (CANDIDO, 2017, p. 103). Em Machado, teria levado a uma espécie de automatismo, choque entre a consciência e a espontaneidade dos atos. Sendo de vital importância para a compreensão histórica da obra, como em determinados momentos, se dá o predomínio da segunda, espécie de ato falho que diz mais a respeito do personagem e de seu tempo do que todo o seu discurso verborágico.

Em seus textos, palestras e aulas, Antonio Candido sempre deixou clara sua insatisfação com as leituras que tratam Machado de Assis como uma espécie de absenteísta social, escritor negativo, conformista, distante do país e seus problemas. Sempre buscou enfatizar o quanto Machado foi capaz, em seu movimento de acúmulo e superação da tradição, de recriar a vida em situações ficcionais, a ponto de sucessivas gerações de leitores e críticos encontrarem níveis diferentes de entendimento, mas sempre deparando-se com um escritor de qualidades relevantes.

A face humana da literatura

Nem de longe essas poucas linhas dão conta da imensa contribuição de Antonio Candido ao pensamento literário do Brasil. Neste esboço de perfil, há ainda que lembrar, mesmo que alusivamente, o seu legado inestimável como professor exemplar, seja sob o aspecto profissional seja sob o aspecto humano. Certa vez, uma de suas alunas, a professora Walnice Nogueira Galvão, afirmou naquela que talvez seja a melhor homenagem a um mestre: “Hoje tem aula de Antonio Cândido, diziam uns aos outros com alegre ar conspirativo alunos e colegas nos corredores da faculdade, no saguão, no bar, até ao telefone. O que é que havia? Aula de Antonio Candido... era algo de especial” (GALVÃO, 1992, p. 48).

Ao que parece esse caráter especial não estava restrito à sua atuação docente mas também ao posicionamento político de Candido, que certa vez que autodenominou um “radical de ocasião”, ou seja, alguém que, em momentos decisivos optava pela adesão combativa à perspectiva socialista da história. A esse respeito, vale lembrar, por exemplo, suas manifestações públicas de compromisso político a favor do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra (MST) e do Partido dos Trabalhadores (PT), do qual assinou a ata de fundação.

Tudo isso nos dá uma ideia de que a vida de Antonio Candido foi plena, em sentido de profundo humanismo. Este, aliás, é um princípio-guia de seu olhar sobre a sociedade e sobre o mundo da literatura. Uma lição que pode ser resumida com sua concepção aberta de socialismo, registrada em entrevista concedida a uma publicação do MST:

Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças. Coisas que hoje são banais. Conversando com um antigo aluno meu, que é um rapaz rico, industrial, ele disse: “o senhor não pode negar que o capitalismo tem uma face humana”. O capitalismo não tem face humana nenhuma. O capitalismo é baseado na mais-valia e no exército de reserva, como Marx definiu. É preciso ter sempre miseráveis para tirar o excesso que o capital precisar. E a mais-valia não tem limite (CANDIDO, 2011)

Contra um sistema que “não tem face humana”, Candido com sua trajetória nos ensinou a enxergar a sociedade através da face humana da literatura. Literatura que é trabalho humano e que não tem significado algum se sua leitura, distribuição e discussão não estiverem empenhados no compromisso fundamental dos grandes mestres: a emancipação humana. É nesses termos também que Antonio Candido foi um legítimo mestre do Brasil.

Referências

ASSIS, Machado de. “Instinto de Nacionalidade”. In: COUTINHO, Afrânio (org). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. “Machado de Assis de outro modo”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

_____. “O Esquema de Machado de Assis”. In: _____ *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1975.

_____. *Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

_____. “Duas Notas” e “Prefácio de um livro”. In: *Machado de Assis em Linha*. São Paulo. 2017, vol. 10, n. 21.

_____. “À roda do quarto e da vida”. *Revista USP*. São Paulo, nº 2, p. 101-104, jun/ago, 1989.

_____. “Música e Música”. In: _____ *O observador literário*. São Paulo: 1959.

_____. O socialismo é uma doutrina triunfante. *Jornal Brasil de Fato* (entrevista). São Paulo: Edição 435, jun./jul. 2011.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “A aula”. In: D’Incao, Maria Angela e SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHWARZ, Roberto. “Os sete fôlegos de um livro”. In.: Flávio Aguiar (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

Recebido em: 08/09/2017

Aceito para publicação em: 09/12/2017